

22.05.2026

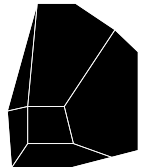
21:00 sala suggestia

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Bar Avni direção musical
Marie-Ange Nguci piano
Sérgio Pacheco trompete

casa da música



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Joly Braga Santos

Abertura sinfónica n.º 3, op. 21 (1954; c.13min)

Dmitri Chostakovitch

Concerto para piano n.º 1, op. 35 (1933; c.21min)

(para piano, trompete e orquestra de cordas)

1. Allegretto
2. Lento –
3. Moderato –
4. Allegro con brio

INTERVALO

Darius Milhaud

Le bœuf sur le toit, op. 58 (1919-20; c.20min)

Leonard Bernstein

Três episódios de dança de *On the Town* (1944/45; c.9min)

1. The Great Lover Displays Himself
2. Lonely Town: Pas de Deux
3. Times Square: 1944

Joly Braga Santos

Abertura sinfónica n.º 3

Joly Braga Santos (1924-1988) alcançou um lugar destacado na história da música em Portugal sobretudo devido ao grande fôlego da sua produção sinfónica. O seu ponto de referência fundamental foi, sem dúvida, o modelo de Luís de Freitas Branco, personalidade que lhe ensinou ciências musicais e composição a título particular (em paralelo à frequência do conservatório), e com quem desenvolveu os elementos essenciais de uma robusta formação de compositor. Posteriormente complementou os seus estudos no estrangeiro: direcção de orquestra com Hermann Scherchen em Veneza e na Suíça, e composição com Virgilio Mortari em Roma. Enquanto compositor, e em particular ao longo das suas seis sinfonias, compostas entre 1947 e 1972, levaria ao extremo os preceitos absorvidos de Freitas Branco. Assim, após uma primeira fase marcada por uma orientação neoclássica, tendencialmente modalista, embarcou, a partir de finais da década de 1950, num processo de renovação estilística que o levaria a integrar elementos desenvolvidos por idiomas mais vanguardistas. Observa-se ainda uma última fase na sua produção, marcada por um certo espírito de síntese, com alguns exemplos ainda na década de 1970, mas sobretudo na de 80.

A Abertura sinfónica n.º 3 foi composta em 1954, numa altura em que o compositor tinha já apresentado duas outras obras nesse género, além das quatro primeiras sinfonias do seu catálogo, enquadrando-se, portanto, no seu primeiro período estilístico.

Dedicada a Elisa de Sousa Pedroso, figura importante da vida musical da época, a obra seria estreada nesse mesmo ano pela Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional.

Todo o material temático da Abertura tem origem numa melodia inspirada no folclore alentejano, que é enunciada pela trompa, numa introdução lenta e serena, antes de ser tomada por diferentes naipes da orquestra.



Dmitri Chostakovitch

Concerto para piano n.º 1

Dmitri Chostakovitch (1906-1975) foi, provavelmente, o principal sinfonista de meados do século XX. Mas, além das 15 sinfonias que compôs – e que constituem um testemunho revelador do seu percurso estilístico –, no catálogo da sua obra avultam igualmente os seis concertos (dedicados ao piano, ao violino e ao violoncelo), que ocupam também um lugar importante na sua produção. A linguagem musical que desenvolveu conciliava diversas influências e caracterizava-se pelo seu intenso poder emocional, narrando frequentemente a sociedade e o tempo em que viveu.

O Concerto para piano n.º 1, em Dó menor, foi composto entre 6 de Março e 20 de Julho de 1933, tendo sido estreado logo a 15 de Outubro desse ano, em Leninegrado, com o autor ao piano. Trata-se de uma obra bem-humorada – por vezes recorda o circo ou o cinema mudo – e estilisticamente ecléctica, citando, com intenção paródica, fontes musicais diversas, tanto da tradição erudita, como da música popular, do music hall e do jazz.

O primeiro andamento faz contrastar um tema meditativo – que alude à Sonata «Appassionata» de Beethoven – com um segundo tema à maneira de uma polca irreverente. O segundo andamento, «Lento», decorre numa atmosfera melancólica, como uma valsa fantasmagórica. O curto terceiro andamento funciona como um interlúdio. Abre com uma longa passagem do solista, que evoca o final da Sonata «Hammerklavier» de Beethoven, e que conduz a um



DMITRI CHOSTAKOVITCH

© ROGER & RENATE ROSSING/DEUTSCHE FOTOTHEK/CC BY-SA 4.0

novo tema apaixonado nas cordas, até que o piano se lança num extasiado crescendo de tensão. Sem pausa, surge o «Allegro con brio» que começa com uma perseguição nervosa entre o solista e a orquestra, interrompida em duas ocasiões por intervenções do trompete: primeiro, uma citação humorística da Sonata n.º 37 de Haydn; depois, uma evocação da canção vienense «O du Lieder Augustin». O refrão regressa e o piano apresenta uma cadência virtuosística, com elementos do *Rondo a capriccio*, op. 129, de Beethoven, até que a música se despenha num final de grande excitação.

Darius Milhaud

Le bœuf sur le toit

Impedido de servir no exército durante a Primeira Guerra Mundial, Darius Milhaud (1892-1974) ingressou no corpo diplomático como secretário de Paul Claudel, o célebre poeta e embaixador francês no Brasil. A chegada ao Rio de Janeiro em 1917, numa delegação que incluía também o poeta-compositor Henri Hottenot, foi um marco biográfico importante, já que ambos os diplomatas futuramente colaborariam com Milhaud enquanto libretistas das suas óperas. Ao regressar a Paris, após o término da guerra, o compositor integrou um grupo de artistas inspirados pela irreverência de Erik Satie. Sob a batuta de Jean Cocteau e da sua reflexão estética, o grupo incluía também Francis Poulenc, Georges Auric, Louis Durey, Germaine Tailleferre e Arthur Honegger, e seria baptizado como *Les Six* pelo crítico Henri Collet. Unidos na rejeição do «misticismo» de César Franck e da «imprecisão» de Claude Debussy, preferiam a energia vibrante do estilo de Stravinski, assim como do jazz e dos cabarés parisienses.

Inspirado pelas suas memórias brasileiras, Milhaud compôs uma peça que reunia melodias populares — tangos, maxixes, sambas e até um fado português — estruturadas numa forma rondó, em que o tema principal (uma fanfarra vigorosa e radiante) alterna com episódios contrastantes. Na origem, a peça tinha sido concebida para violino e piano, e o seu título, *Le bœuf sur le toit* (*O boi no telhado*), provinha ele próprio de uma canção popular brasileira. Fora concebida como banda sonora para um filme de



Charlie Chaplin, mas Cocteau convenceu Milhaud de que a obra era merecedora de um espectáculo teatral.

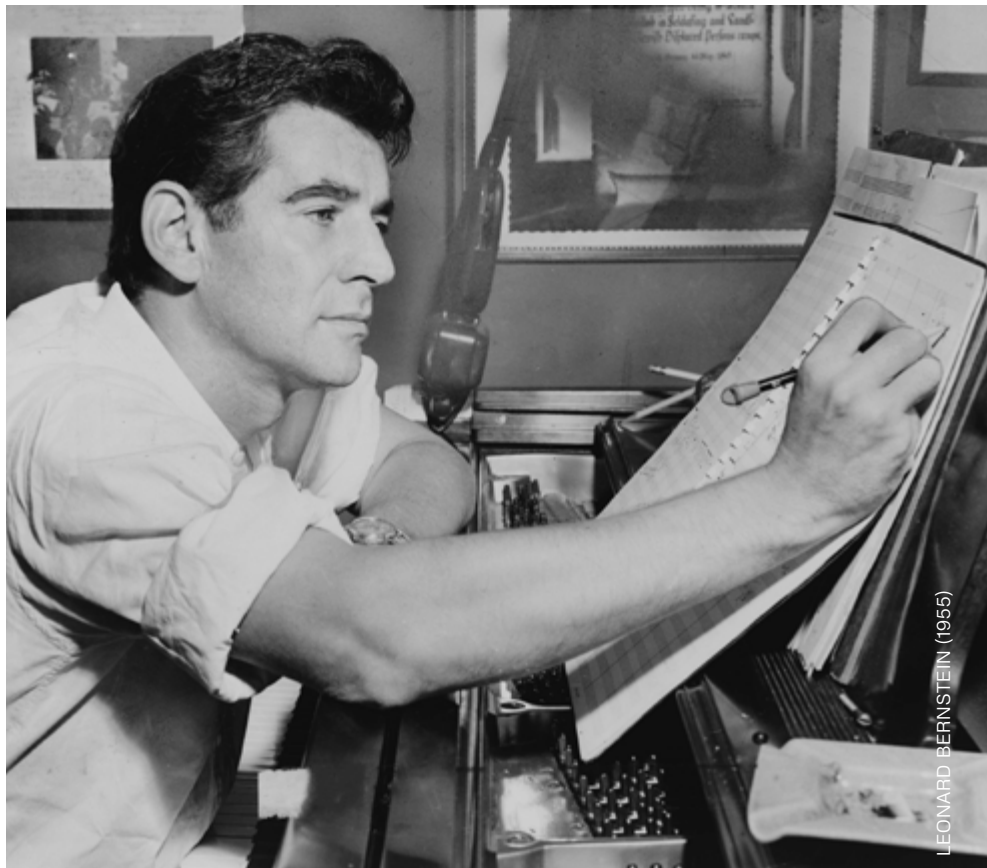
Para financiar o projecto, Cocteau recorreu ao seu prestígio para vender camarotes à aristocracia, a preços exorbitantes. O espectáculo resultante foi uma pantomima surrealista ambientada num bar americano durante a Lei Seca. No enredo, um polícia entra no bar e o espaço transforma-se subitamente numa cena pastoral, em que os clientes bebem leite. Num momento de puro absurdo, o polícia é decapitado pelas pás de um ventilador e uma mulher dança com a sua cabeça (uma paródia da ópera *Salomé*, de Richard Strauss). No final, o barman apresenta uma conta astronómica ao polícia, que é milagrosamente reconstituído. O nome da peça viria mesmo a baptizar um famoso restaurante parisiense, em 1922, que se tornou um símbolo da boémia intelectual da época.

Leonard Bernstein

On the Town

Leonard Bernstein (1918-1990) foi a personificação do músico completo: maestro, pianista, compositor e educador. Enquanto compositor, a sua versatilidade permitia-lhe transitar com naturalidade entre o erudito e o popular, praticando uma linguagem que comunicava facilmente com o público. Embora se tenha afirmado como um dos nomes maiores da Broadway, a sua fundação assentava em referências como Bach, Mozart e Beethoven, cuja influência ecoa um pouco por toda a sua produção.

Pouco depois da apresentação da sua Sinfonia n.º 1, em Fevereiro de 1944, o prestígio de Bernstein no campo sinfónico viria a consolidar-se em Abril desse ano com o bailado *Fancy Fee*, uma partitura fortemente influenciada pelo jazz e pela música popular, que obteve sucesso instantâneo. O mesmo tipo de influências está patente no musical *On the Town*, estreado em Dezembro do mesmo ano, uma peça em que alargava o conceito explorado no bailado anterior: as aventuras de três marinheiros mulherengos



LEONARD BERNSTEIN (1955)

que aproveitam a sua licença de um dia na enorme cidade de Nova Iorque. O espetáculo obteve um êxito retumbante — em pouco mais de um ano ultrapassou as 460 representações — e em 1949 seria mesmo convertido numa produção cinematográfica, com a participação de Frank Sinatra no papel de um dos marinheiros.

Dada a sua crescente procura como maestro convidado, Bernstein fez com *On the Town* o que mais tarde repetiria com *West Side Story*: extraiu da partitura do musical uma suite sinfónica para ser apresentada nas salas de concerto. O primeiro episódio, «The Great Lover Displays Himself», retrata o marinheiro Gabey que, ao adormecer no metro, sonha conquistar a mítica Miss Turnstiles. A música efervescente serve de espelho à personalidade do protagonista, sublinhando tanto a sua ingenuidade juvenil, como a sua determinação romântica. No segundo episódio, «Lonely Town: Pas de Deux», Gabey testemunha uma cena que Bernstein descreve como sendo, simultaneamente, «terna e sinistra»: no Central Park, uma estudante é seduzida e, logo depois, abandonada por um marinheiro experiente. Aqui a música é exuberante e sensual, perpassada do início ao fim por uma melancolia agridoce. O último episódio, «Times Square: 1944», consiste numa sequência panorâmica que reúne todos os marinheiros naquele espaço para uma noite de folia.

Luís M. Santos

O autor não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

© 2026

Bar Avni direção musical



Bar Avni venceu o concurso La Maestra 2024, em Paris, onde arrecadou quatro prêmios adicionais. Este sucesso conduziu a uma frutuosa colaboração com a Orquestra Mozart de Paris e Claire Gibault. Elogiada pela presença dinâmica e musicalidade refinada, afirma-se graças a mentores como Yoav Talmi, Barbara Hannigan e Ayelet Geva. Um elemento central da sua identidade artística reside na programação de concertos como experiências completas e imersivas. O seu álbum de estreia, com a Orquestra Nacional Bordeaux Aquitaine, reúne obras de Charlotte Sohy, Milhaud, C. P. E. Bach e Stravinski (Alpha Classics, 2026). Entre 2021 e 2024, foi maestra titular da Bayer Philharmoniker, no âmbito da residência artística Bayer Kultur.

Orienta workshops em escolas, hospitais e empresas, considerando a direção de orquestra como uma poderosa ferramenta de comunicação — que promove a consciência corporal, a expressão não verbal e

a autoconfiança. Estas experiências inclusivas não exigem aos participantes quaisquer conhecimentos musicais prévios.

Nascida em Israel e formada como percussionista, Bar Avni estudou direção de orquestra com Yoav Talmi, Martin Sieghart e Ulrich Windfuhr. Ganhou uma valiosa experiência enquanto assistente de maestros como Gustavo Dudamel, Klaus Mäkelä, Myung-Whun Chung e Matthias Pintscher.

Na temporada de 2025/26, dirige a estreia de *The White Book*, de Laura Bowler, com texto de Han Kang (obra dedicada à cantora Barbara Hannigan, que a interpretará). Regressa à Orquestra de Paris, à Orquestra Nacional Bordeaux Aquitaine e à Filarmónica de Bremen, estreando-se com a Sinfónica da WDR, as filarmónicas de Varsóvia e da Rádio dos Países Baixos, a Sinfónica da Rádio de Estugarda, a Orquestra de Câmara de Lausanne e a Orquestra Gulbenkian. Foi nomeada artista em residência Villa Albertine para 2026.

Marie-Ange Nguci piano



Convidada regular de prestigiadas salas de concerto, Marie-Ange Nguci é uma das mais destacadas jovens solistas da atualidade. É artista em residência da Radio France nesta temporada, apresentando-se com a Philharmonique da Radio France e a Orquestra Nacional de França, sob direção de maestros como Cristian Măcelaru e Simone Young, e em recitais a solo e de câmara. Outros momentos importantes são as estreias com as filarmônicas de Oslo, da Chéquia e da Rádio dos Países Baixos, e as sinfônicas de Gotemburgo e da Estônia.

Ao longo dos últimos anos, colaborou com orquestras de renome como as sinfônicas da NHK, BBC, RAI e Montréal, filarmônicas de Roterdão e Estocolmo, Orquestra da Konzerthaus de Berlim, Orquestra de Paris, Orquestra de Câmara de Paris, e sinfônicas de Sydney e St. Louis. Paavo Järvi, Fabio Luisi, Stéphane Denève, Alan Gilbert, Mirga Gražinytė-Tyla, John Storgårds, Marc Albrecht, Dalia Stasevska e Marie Jacquot são

alguns dos maestros com quem trabalhou. Em França, apresenta-se frequentemente com a Orquestra de Câmara de Paris, Orquestra do Capitólio de Toulouse, orquestras nacionais de Lyon, Bordeaux Aquitaine, Lille e Metz, e Filarmónica de Estrasburgo. Em 2023/24, foi artista em residência da Sinfónica da Basileia e artista associada da Filarmónica Arturo Toscanini, em Parma.

Depois de uma estreia aclamada no Festival de La Roque d'Anthéron, tem dirigido a partir do piano com cada vez mais frequência – um formato de concerto próximo da sua personalidade e sensibilidade artística.

Marie-Ange Nguci cresceu na Albânia e ingressou no Conservatório de Paris aos 13 anos, onde foi aluna de Nicholas Angelich. Estudou direção de orquestra na Universidade de Música e Belas Artes de Viena e, aos 18 anos, foi admitida num doutoramento em Música na Universidade de Nova Iorque. É também detentora de um MBA em Gestão Cultural.

Sérgio Pacheco trompete



Sérgio Pacheco é chefe de naipe de trompete da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Completou a sua formação na ARTAVE – Escola Profissional Artística do Vale do Ave e, mais tarde, no Royal College of Music, em Londres.

Foi primeiro trompete auxiliar da Orquestra Gulbenkian e trompete principal da Orquestra Filarmónica da Malásia. Colaborou várias vezes com orquestras como a Gustav Mahler Youth Orchestra, European Union Youth Orchestra, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Filarmónica da BBC, SEL – Solistes Européens Luxembourg e Filarmónica de Londres.

No âmbito da música contemporânea, toca pontualmente com o Remix Ensemble e Vertixe Sonora. Na música antiga, tem

colaborações regulares com a Orquestra Barroca Casa da Música.

Apresentou-se várias vezes a solo com a Orquestra Gulbenkian, Orquestra do Algarve e Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Venceu o Prémio Jovens Músicos/RTP e o Concurso de Trompete de Castelo de Paiva (níveis médio e superior). Mais recentemente, ganhou o Concurso Internacional de Trompete Théo Charlier, na Bélgica.

Foi professor da classe de trompete do Instituto Piaget de Almada, da ESMAE e da Escola Profissional de Música de Espinho. Tem sido convidado para orientar masterclasses e workshops de trompete, dentro e fora do país. É professor auxiliar convidado na Universidade de Aveiro.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

O projeto artístico da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música assenta em dois pilares: a exploração do grande repertório sinfónico e um forte compromisso com a música dos nossos dias, através de colaborações estreitas com compositores contemporâneos e da apresentação de novas obras, partilhando o palco com prestigiados maestros e solistas. Mantém uma forte ligação à comunidade através de concertos para famílias, ensaios abertos e uma presença regular em vários municípios da Área Metropolitana do Porto. A sua discografia premiada centra-se no repertório português e nos compositores dos séculos XX e XXI.

A nova temporada da Orquestra Sinfónica move-se sob o tema Raízes/Resonâncias, explorando a forma como os compositores se inspiraram nas suas heranças culturais. O ciclo central é dedicado a Heitor Villa-Lobos, destacando-se a série *Bachianas Brasileiras* e a epopeia sinfónica *Floresta do Amazonas*, num concerto

que alia a música a uma criação visual da artista Bianca Dacosta, Artista em Residência. A retrospectiva dedicada ao Compositor em Residência permite conhecer a música fascinante de Hèctor Parra, incluindo obras que desafiam os formatos tradicionais. A programação vê-se enriquecida ainda com a integral dos Concertos de Brahms, célebres concertos para piano e para guitarra e um largo número de maestros e solistas convidados. Além do grande repertório sinfónico, apresentam-se propostas que expandem o horizonte da Orquestra, com pontes para o cinema, o universo dos videojogos, o jazz ou a criação visual em tempo real.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

VIOLINO I

Pedro Rodríguez*
Maxence Mourìès
Evandra Gonçalves
Emília Vanguelova
Roumiana Badeva
Andras Burai
Tünde Hadadi
Vadim Feldblioum
Alan Guimarães
José Despujols
Jorman Torres
Diogo Coelho*
José Pedro Rocha*
Jean-Philippe Passos*

VIOLINO II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
José Paulo Jesus
Catarina Martins
Mariana Costa
Lilit Davtyan
Pedro Rocha
Tatiana Afanasieva
Domingos Lopes
Karolina Andrzejczak
Nikola Vasiljev
Paul Almond

VIOLA

Mateusz Stasto
Isabel Pereira*
Rute Azevedo
Luís Norberto Silva
Emília Alves
Hazel Veitch
Ana Teresa Alves
Biliana Chamlieva
Rita Mendes*
Carolina Palha*

VIOLONCELO

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Hrant Yeranosyan
Bruno Cardoso
Sharon Kinder
Aaron Choi
Tiago Mendes*

CONTRABAIXO

Rui Rodrigues
Joel Azevedo
Tiago Pinto Ribeiro
Altino Carvalho
Nadia Choi
Slawomir Marzec

FLAUTA

Paulo Barros
Alexander Auer

OBOÉ

Aldo Salvetti
Roberto Henriques

CLARINETE

Carlos Alves
Pedro Silva*
João Moreira

SAXOFONE

Fernando Ramos*

FAGOTE

Gavin Hill
Robert Glassburner

TROMPA

Nuno Vaz
Hugo Carneiro
Eddy Tauber
José Bernardo Silva

TROMPETE

Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito

TROMBONE

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

TUBA

Sérgio Carolino

TÍMPANOS

Jean-François Lézé

PERCUSSÃO

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões

HARPA

Ilaria Vivan

PIANO

Vítor Pinho*

*instrumentistas convidados

OPERAÇÃO TÉCNICA

Carlos Almeida (palco)
José Torres (palco)

DIAS DA GUITARRA

26.05 terça-feira

19:30 sala 2

IN DIA DUO GUITAR

28.05 quinta-feira

21:30 café casa da música

FRANCISCO RUA

29.05 sexta-feira

19:00 sala 2

CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DO PORTO

Orquestra de Cordas Dedilhadas

29.05 sexta-feira

21:00 sala suggia

3 CONCERTOS PARA GUITARRA

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Sebastian Zinca direção musical

Sean Shibe guitarra

Alice Brandão guitarra

Obras de Emmanuel Chabrier, Heitor Villa-Lobos,

Joaquín Rodrigo e Mark Simpson

30+31.05 sábado+domingo

10:00 – 16:30 vários espaços

MARATONA DE GUITARRISTAS

Recitais de guitarra por alunos de Escolas Vocacionais de Música

Exposição de instrumentos | Porto Guitarra

30.05 sábado

18:00 sala suggia

ORQUESTRA PORTUGUESA DE GUITARRAS E BANDOLINS

Yamandu Costa guitarra

31.05 domingo

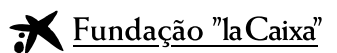
21:00 sala suggia

BOMBINO

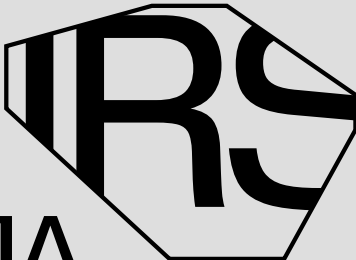
APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA



1% DO SEU POR UMA BOA CASA



NIF 507 636 295

PORQUÊ APOIAR?

A Fundação Casa da Música, para além da excelência artística, desenvolve um trabalho continuado com crianças e jovens, comunidades, públicos em situação de vulnerabilidade e pessoas com necessidades específicas. Todos os anos, através do Serviço Educativo, chega a cerca de 50.000 participantes, promovendo o acesso à música, a criatividade e o bem-estar.

Com o seu apoio, a Casa da Música pode chegar a mais escolas e territórios, reforçar a inclusão e acessibilidade, alargar o acesso gratuito a concertos e atividades, apoiar jovens talentos e desenvolver novos projetos pedagógicos.

COMO CONSIGNAR 1% DO SEU IRS?

No quadro 11 da Declaração Modelo 3 do IRS, selecione "Instituições culturais com estatuto de utilidade pública" e inscreva o NIF 507 636 295.

Se tem IRS Automático, no momento da confirmação assinale a caixa que indica que pretende consignar 1% do seu IRS e inclua o NIF da Fundação Casa da Música.

Este contributo não tem qualquer custo para si e não afeta o seu reembolso.

O seu IRS faz a diferença. Juntos, levamos a música mais longe.